

O ANO ZERO
DA ALEMANHA

EDGAR MORIN

O ANO ZERO
DA ALEMANHA

TRADUÇÃO

EDGARD DE ASSIS CARVALHO

MARIZA PERASSI BOSCO



Editora Sulina

© Edgar Morin, 2009

Título original: *L'An Zéro de L'Allemagne*, 1946

Capa: *Eduardo Miotto*

Projeto Gráfico: *Daniel Ferreira da Silva*

Revisão: *Patrícia Aragão*

Editor: *Luis Gomes*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)

Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza CRB 10/960

M858a Morin, Edgar

O ano zero da Alemanha / Edgar Morin; traduzido por Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. – Porto Alegre: Sulina, 2009.
319 p.

Título original: *L'an zéro de L'Allemagne*

ISBN: 978-85-205-0523-6

1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Alemanha - História. 4. Narrativa Francesa. I. Carvalho, Edgard de Assis. II. Bosco, Mariza Perassi. III. Título

CDD:301
306.4
843
CDU: 101
316
840-3
943.0

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Meridional Ltda.

Av. Osvaldo Aranha, 440 cj. 101

Cep: 90035-190 Porto Alegre-RS

Tel: (051) 3311-4082

Fax: (051) 3264-4194

www.editorasulina.com.br

e-mail: sulina@editorasulina.com.br

{Maio/2009}

SUMÁRIO

PREFÁCIO DA EDIÇÃO BRASILEIRA	11
INTRODUÇÃO	21
 PRIMEIRA PARTE COMO É POSSÍVEL SER ALEMÃO?	
 CAPÍTULO I	
A ALEMANHA PRESA DE SI MESMA	27
<i>Totem e Tabu</i>	28
<i>O nilismo alemão</i>	32
<i>O antagonismo entre dois mundos</i>	33
<i>O retorno aos mitos nazistas</i>	35
<i>A esperança então existe</i>	37
 CAPÍTULO II	
O PAÍS DOS RUMORES E DOS MITOS	39
1. O TEMPO DOS RUMORES	39
<i>Rumores que tratam do ódio dos Aliados contra a Alemanha</i>	42
<i>Rumores sobre as modificações das zonas de ocupação</i>	43
<i>Rumores sobre os chefes nazistas</i>	43
2. A SOBREVIVÊNCIA DOS MITOS NAZISTAS	44
A. OS MITOS IDEOLÓGICOS	45
<i>O mito de Hitler</i>	45
<i>O mito do Führerprinzip</i>	51
<i>O mito da superioridade alemã e o mito da raça</i>	51
B. OS MITOS POLÍTICOS	55
<i>O mito do conflito entre oriente e ocidente</i>	55
<i>O mito da guerra de independência</i>	61
<i>O mito dos velhos bons tempos</i>	63
 CAPÍTULO III	
OS ALEMÃES DIANTE DOS ALIADOS	65
<i>Alemães e Americanos</i>	66
<i>Alemães e Ingleses</i>	69
<i>Alemães e Franceses</i>	71
<i>Alemães e Russos</i>	74

CAPÍTULO IV

A JUVENTUDE ALEMÃ PODE SER SALVA? 83

Do movimento da juventude à H. J 83

Hitler-Jugend 86

O que fazem os jovens 87

Juventude alemã 88

O que diz a juventude? 93

O que fazer pela juventude: a organização dos jovens 96

Como transformar a juventude alemã 98

Como desmistificá-la? 100

CAPÍTULO V

A RESPONSABILIDADE COLETIVA DO POVO ALEMÃO 103

SEGUNDA PARTE AS FORÇAS ANTIFASCISTAS ALEMÃS: ÚNICA ESPERANÇA

CAPÍTULO I

AS CHANCES DOS ANTINAZISTAS 131

Houve uma resistência a Hitler? 132

O Führer 134

As chances dos antifascistas 138

Os fatores negativos 140

Capítulo II

O PARTIDO SOCIAL-CRISTÃO E A POLÍTICA DAS IGREJAS 145

A resistência da igreja ao nazismo 145

Colaboracionismo 147

Discordâncias 148

A Conferência de Fulda (21 a 23 de agosto de 1945) 153

A questão da escola 156

A Conferência Evangélica De Treysa

(27 a 31 de outubro de 1945) 158

O novo partido social-cristão 159

Zona Soviética 162

Zona Inglesa 163

Zona Americana 163

Zona Francesa 163

O que representa um partido social-cristão? 164

Capítulo III

ENTRE HANOVER E BERLIM	
O PARTIDO SOCIAL-DEMOCRATA ALEMÃO (SPD)	167
<i>Ressurreição do partido</i>	167
<i>As tendências</i>	170
<i>A tendência de “esquerda”</i>	175
<i>As relações com o KPD</i>	177
<i>A encruzilhada dos caminhos</i>	178
<i>A tentação do ocidente</i>	180

Capítulo IV

O PARTIDO COMUNISTA ALEMÃO (KPD)	183
<i>A importância da vitória nazista sobre o comunismo</i>	183
<i>Movimento comunista ilegal</i>	185
<i>Estado atual das forças comunistas</i>	187
<i>A ação do KPD</i>	189
<i>As dificuldades encontradas pelo KPD</i>	194

Capítulo V

O SINDICALISMO BASE	
DA FUTURA DEMOCRACIA ALEMÃ	197
<i>Sob o signo do DAF</i>	198
<i>A ressurreição sindical – na zona soviética</i>	201
<i>Nas zonas inglesa e americana</i>	204
<i>Os sindicatos na zona francesa</i>	209
<i>A importância do problema sindical</i>	212
<i>O que é a democracia</i>	214

TERCEIRA PARTE

ASPECTOS DA ALEMANHA OCUPADA

Capítulo I

REFUGIADOS E EXPULSOS	219
<i>Prisioneiros e deportados</i>	219
<i>Os expulsos e refugiados alemães</i>	221
<i>As expulsões</i>	223
<i>As condições da transferência</i>	225
<i>Importância das expulsões</i>	227

Capítulo II	
EXISTE UMA RESISTÊNCIA NAZISTA?	231
<i>As condições da resistência nazista</i>	231
<i>Manifestações da resistência nazista</i>	233
<i>Panfletos e luta armada</i>	235
<i>O significado e a magnitude da resistência nazista</i>	236
Capítulo III	
EXISTE MAIS DO QUE UMA ALEMANHA?	239
<i>O separatismo espontâneo</i>	239
<i>As forças separatistas</i>	240
<i>O separatismo renano</i>	241
<i>O separatismo em Baden</i>	243
<i>O separatismo Bávaro</i>	243
<i>A política separatista</i>	245
<i>Características comuns do separatismo</i>	247
<i>As forças de unificação na Alemanha</i>	248
<i>O verdadeiro problema</i>	250
<i>Terceira tese ou os ensinamentos da história,</i>	253
<i>Uma só Alemanha, fundamento da colaboração das Nações Unidas</i>	257
Capítulo IV	
EXPURGO	259
<i>Onde se efetiva o expurgo</i>	260
<i>A lei n° 8</i>	262
<i>O expurgo nas zonas britânica e francesa</i>	263
<i>A liquidação do nazismo</i>	265
Capítulo V	
A REFORMA AGRÁRIA	267
<i>Necessidade histórica da reforma agrária</i>	267
<i>Como se efetivou a reforma agrária?</i>	270
<i>As dificuldades</i>	274
<i>A reforma agrária: seu significado em 1945</i>	276
Capítulo V	
EM TORNO DO RUHR. REGIÃO DO RUHR COMO FATOR DETERMINANTE NA HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA	279
<i>Região do Ruhr: organização dos Trustes</i>	282
<i>Rumo ao truste internacional</i>	283

A guerra 284

*O nazismo passa, os trustes da região
do Ruhr permanecem* 285

Região do Ruhr, chave do “complexo ocidental” 287

A internacionalização da região do Ruhr 290

QUARTA PARTE O QUE FAZER?

O que fazer na Alemanha? 297

I. O QUE FAZEM OS ALIADOS DO OCIDENTE 297

II. FALSAS ATITUDES 303

O grande círculo do amor 303

Alemanha mártir? 305

O desprezo chauvinista 306

III. SOLUÇÕES IDEAIS 309

IV. POR UMA ALEMANHA PACÍFICA E PROGRESSISTA 313

A política da União Soviética 313

Por uma atitude francesa 318

“Eu abandonaria de bom grado o gênero alemão pelo gênero humano”, declarou Jean Paul. Este foi o crime do fascismo: ter renegado o homem.

Eis a Alemanha no “ano zero”. Como sairá ela do nada? O que fará a França diante do pesadelo alemão?

Ela será forte se souber permanecer fiel a si mesma. Ela se sentirá segura de si e do caminho que deve seguir se mantiver a integridade de seus princípios, sem jamais dissociar o homem e o francês. “Cultivemos o universal”, escreve Edgar Morin, “na atualidade, esse universal tem um nome concreto: democracia”.

O fascismo é a luta contra a humanidade. Cabe a nós batalhar para que, do ideal que ela tem sido até agora, humanidade se transforme em realidade. Construamos a cidade humana. Chegará, então, o dia em que não haverá mais um problema alemão, nem para a França, nem para os próprios alemães:

O caminho, no entanto, será longo e, enquanto esperamos por dias melhores, agiremos bem se lermos, com a merecida atenção a obra de Edgar Morin, bem apropriada para nos encorajar à prudência.

Bernard Groethuysen

PREFÁCIO DA EDIÇÃO BRASILEIRA

Após a grande “fraternidade” da Resistência, minha inserção na “vida normal” foi difícil. De adolescente no começo da guerra, transformara-me em adulto na época da libertação de Paris. De pequeno chefe da Resistência, passei a procurar emprego como civil. Comunista pouco ortodoxo para os comunistas e degaullista duvidoso para os seguidores de De Gaulle, não tive êxito como jornalista, pois as matérias que eu propunha aos jornais que me ofereciam trabalho acabavam sendo rejeitadas. Acreditei, então, realizar algo útil organizando uma exposição sobre os “crimes hitleristas”. Os funcionários de pequeno escalão que o governo francês me havia oferecido como colaboradores eram de uma mediocridade moral que me indignava. A exposição ainda não havia sido concluída quando fui salvo pelo acaso. Meu amigo Pierre Le Moigne, um herói do movimento ao qual eu pertencia, fez-me reencontrar outro herói, o comandante Durandal; seu verdadeiro nome era Chazeaux, havia dirigido o maqui do Franco Condado e usava seu pseudônimo¹ com grande orgulho. Durandal buscava voluntários para o Estado Maior do primeiro exército que acabara de entrar na Alemanha com o objetivo inicial de cuidar dos prisioneiros de guerra e dos deportados e, em seguida, ocupar-se da gestão dos territórios ocupados.

Não hesitei. Haviam me oferecido a oportunidade não apenas de libertar-me de uma vida que se tornara medíocre, mas também de conhecer a Alemanha.

Mesmo nos tempos mais duros da Resistência, eu lutava não contra o povo alemão, mas contra o nazismo; isso sem mencionar o fato de que meu colaborador Jean Krazatz era um marinheiro de Hamburgo, combatente na guerra da Espanha.

¹ Durandal: nome da lendária espada do valente Rolando, herói de *A canção de Rolando*, poema épico medieval composto no século XI em francês arcaico sobre a Batalha de Roncesvalles, cuja autoria é atribuída a Turol.

Além disso, tudo o que eu mais amava em matéria de cinema, poesia e filosofia vinha da Alemanha. Dois filmes de Georg W. Pabst (1885-1967), *A Ópera dos Quatro Vinténs* e *A Tragédia da Mina*, dois filmes de Fritz Lang (1890-1976), *O Testamento do Doutor Mabuse* e “*M, o maldito*” haviam marcado meu espírito adolescente, enquanto Brigitte Helm, a soberana Antinea no filme *Atlântida* e Marlene Dietrich em *O Anjo Azul* haviam fascinado meu erotismo juvenil. A música romântica alemã de Beethoven a Richard Strauss, a poesia romântica alemã com Novalis e Holderlin, a filosofia alemã com Hegel, Marx, Nietzsche e Heidegger (que eu iria encontrar em Freiburg-en-Brisgau), tudo isso constituía o melhor de meus alimentos espirituais. Eu me perguntava, então, como a Alemanha, que dera origem ao que mais amo em música, poesia e filosofia, fora capaz de produzir a monstruosidade nazista? Sempre me lembrava das cenas filmadas de Hitler, nas quais, em estado de possessão quase histérica, com suas vociferações roucas, ele conduzia um povo inteiro a esse mesmo estado de possessão histérica.

Violette e eu viajamos em um caminhão militar para chegar a Lindau, uma pequena cidade semelhante ao cenário de uma opereta, ao redor do lado Constança, sede do Estado Maior do general de Lattre de Tassigny. Nessa região quase inteiramente poupada pelos bombardeios, conhecemos a euforia dos vencedores em um país conquistado. Após anos de restrições, desfrutávamos da abundância, fazíamos a festa com garrafas de vinho do porto e queijos que retirávamos das caves requisitadas pelas autoridades. Reencontramos a fraternidade da Resistência ao nos ligarmos a alguns oficiais originários dos maquis do Franco-Condado, Romuald de Jomaron e sua esposa Jacqueline, Georges Lesèvre, cujos pais haviam sido deportados (o pai morreu nos campos de concentração, mas a mãe voltou e seu testemunho foi um dos mais impressionantes do processo contra Klaus Barbie). Devorávamos tudo o que encontrávamos à nossa frente, cantávamos muito, havíamos encontrado uma nova fraternidade. Juntamente com nossos amigos, organizamos grandes excursões com as viaturas mili-

tares, fomos à Áustria, ao Tirol, a Salzburgo, onde se realizou o primeiro festival do pós-guerra, e chegamos até o ninho da águia de Hitler em Berchtesgaden, localidade nas cercanias de Salzburgo, de cujo banheiro retirei alguns fragmentos de cerâmica. Recordo-me de uma conferência de André Gide a que assistimos na região do Lago Pertisau. Seus livros, em particular *Os Frutos da Terra* e *Os Novos Frutos*², haviam sido imensamente valiosos para mim, embora nessa conferência sentira-me indignado ao ouvi-lo afirmar “o mundo só será salvo por alguns”, uma vez que, naquele instante, me parecia evidente que as massas populares salvariam o mundo. Há uma dezena de anos, ao ler um jornal editado por Gide durante a guerra, reencontrei essa frase e pensei comigo: como ela é verdadeira!

Apenas em maio de 1945, depois que o governo militar instituído me transferiu para a zona francesa de ocupação em Baden-Baden, no decorrer de minhas primeiras incursões na zona de ocupação americana, descubro os enormes deslocamentos de populações; os alemães que fugiam, os que retornavam, as colunas de soldados, os prisioneiros libertados. Descubro cidades destruídas como Pforzheim, totalmente arrasada, assim como Karlsruhe, Mannheim, Hamburgo e, a todo momento, não cesso de descobrir a Alemanha em seu ano zero: o espetáculo dantesco de um país cujas grandes cidades encontravam-se em ruínas. Um Estado aniquilado, uma nação esmagada, uma população atônita que não acreditava mais em Hitler, nem nos aliados.

Nomeado chefe da propaganda da direção do serviço de informação do governo militar, alojado num grande hotel da estação termal, eu preparava folhetos e cartazes com citações humanistas de Goethe, Schiller, Thomas Mann e de outros grandes escritores alemães. Para o dia 1º de maio eu havia criado um cartaz no qual duas mãos arrebetavam correntes sobre um fundo vermelho. Meus chefes me proibiram de usar essa cor e, decepcionado, usei o verde. Com alguma dificuldade, havia procurado e encontrado antinazistas ale-

² Gide, André (1869-1951). *Os Frutos da Terra*: seguido de *Os Novos Frutos*, trad. Sergio Milliet, 2ª ed, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1983. (N.Ts.)

mães para quem prestava ajuda. Em meu escritório, recebia relatórios dos serviços de informações aliados que revelavam o estado em que se encontrava a Alemanha e circulava bastante pelas zonas de ocupação alemãs e britânicas.

A partir do momento em que os soviéticos abriram Berlim para os Aliados a fim de instalar ali o Comando Geral, no qual encontravam-se representadas as quatro potências de ocupação, França, Inglaterra, Estados Unidos e União Soviética, embarquei prontamente em um avião militar e realizei meu sonho de adolescente. Logo de início, descobri quilômetros de intermináveis ruínas de uma cidade completamente destruída. Fiquei alojado num subúrbio de Frohnau, um lugar muito belo e melancólico recoberto de dunas de areia, pinheiros e lagoas. Eu circulava bastante, inclusive na zona de ocupação soviética, já considerada perigosa, na qual os rumores mencionavam o estupro de mulheres.

Lembro-me de haver recolhido no interior da chancelaria de Hitler, no meio dos documentos espalhados pelo chão, cartas assinadas de próprio punho pelo Führer atribuindo condecorações a soldados alemães e de ter contemplado a agonia de seu bunker. Eu era o único militar-turista na cidade fantasma cujos muros eram por vezes destruídos por alguns alemães. Certo dia, em pleno verão, eu me encontrava próximo da porta de Brandenburgo, no centro daquele mundo sem vida, em meio a amontoados de pedras e imóveis destruídos localizados na Unter den Linden, a grande avenida situada no coração de Berlim, quando, bruscamente, ecoou a *Sonata da Primavera* de Beethoven. Os soviéticos haviam instalado um alto-falante na porta de Brandenburgo. Executada em meio às ruínas e ao espectro da morte, essa sonata parecia anunciar um novo tempo, como se, após tantas mortes, ela respondesse a um sentimento muito forte de renascimento que se instalara em mim e que, mesmo no coração do desastre, me fazia entrever a esperança do futuro. Senti uma estranha mescla de desolação e felicidade.

Nessa época, o comunismo de Stalin, mártir e vencedor da guerra, irradiava um brilho solar. Eu havia feito um conta-

to extremamente cordial com um alto responsável soviético, o camarada Panine, que controlava o general Tchoukov, e que, evidentemente, se sentia muito feliz em me fazer dizer o que queria saber a respeito das zonas de ocupação ocidentais. Na sede do Comando Geral interaliado, onde almoçávamos e nos encharcávamos de *Alexanders*³, eu me divertia com o tilintar das medalhas no peito dos generais soviéticos que se entrecho-cavam quando eles se sentavam à mesa para comer. Da zona soviética, eu assistia ao espetáculo das mulheres convocadas a retirar os escombros para que a reconstrução fosse efetivada e, em frente, na zona de ocupação ocidental, o dos cabarés e prostitutas do Kurfürstendam. A partir disso tudo, concluía que o capitalismo era podre, incapaz de regenerar a Alemanha e que na zona de ocupação soviética a Alemanha iria conhecer a “democracia real”.

A cada uma de minhas escapadas para Paris, contava minhas experiências e descobertas a meus amigos Robert Antelme, Dionys Mascolo e Marguerite Duras. Robert Antelme, que se safara miraculosamente da morte no campo de concentração de Dachau, havia decidido criar uma pequena editora e sugeriu que eu escrevesse um livro sobre a Alemanha a partir do que eu lhe contava. A princípio, para a narrativa de sua experiência no campo de concentração, ele havia escolhido o título *O Ano zero*, mas desistiu dele, substituindo-o por *A espécie humana*, deixando o *Ano zero* para meu livro.

Em Baden-Baden, comecei a escrever nas horas vagas e também à noite entre os amigos. Eles conversavam, e eu escrevia. A partir de minhas experiências, das permanências nas diversas zonas e dos boletins de informação americanos e britânicos, reuni inumeráveis notas que depois organizei, unindo ou separando-as por temas e, em seguida, elaborei os esboços dos capítulos. Talvez tenha retirado indevidamente deste livro os episódios pessoais como os en-

³ Alexander é um coquetel extremamente doce, um short drink como é denominado, cujos ingredientes incluem conhaque ou armagnac, licor de cacau, noz moscada ralada e creme leite. (N.Ts.).

contros com Heidegger, a entrega à esposa do marechal von Paulus da primeira carta que ela recebera de Stalingrado, as visitas a Berchtesgaden, minhas idas a Berlim, minhas relações pessoais com antinazistas que se tornaram meus amigos e tantos outros acontecimentos que agora me vêm à memória.

O Ano zero da Alemanha foi o primeiro livro publicado após a liberação cujo conteúdo não era antialemão. Rejeitei a ideia de uma culpabilidade do povo alemão em favor da ideia da responsabilidade que o futuro Estado deveria assumir reparando os danos causados pelo nazismo. Na redação desse capítulo fui enormemente ajudado por Violette. Por outro lado, este livro foi, sobretudo, uma reportagem sociológica sobre um país devastado, com ênfase particular nos rumores que se propagavam no meio de uma população sem confiança na imprensa que, para eles, parecia estar sob controle dos aliados. Escrevi um capítulo sobre a zona de ocupação soviética no qual, ao mesmo tempo em que mencionei as extorsões e os estupros cometidos pelos conquistadores, minimizei o caráter atroz do estupro comparando-o às múltiplas sevícias e sofrimentos a que foram submetidas as populações vitimadas pela ocupação nazista. Essa passagem foi denunciada como uma “mancha de sangue intelectual” indelével segundo um crítico que, até recentemente, jamais cessou de me recriminar por isso (será que deixou de fazê-lo por ter morrido?).

De qualquer forma, reconheço meu erro, provocado não apenas por minha tendência de querer minimizar a crueldade da conquista soviética, mas também e, sobretudo, por minha inexperiência, visto que, sem ter jamais estuprado nem assistido a um estupro, eu subestimava todo o horror que esse ato implicava. Isso não impediu que, exatamente pela referência aos estupros, esse capítulo sobre a zona de ocupação soviética fosse eliminado da tradução alemã, publicada em Berlim pela editora *Volk und Welt* [Povo e Tempo].

Assim que o livro foi terminado, pedi a Bernard Groethuysen que escrevesse o prefácio. Afinal, ele próprio era de origem alemã, e eu sentia imensa admiração por suas ideias.

Este livro teve a oportunidade de intervir num momento em que a União Soviética dava início a uma transformação política em vista da criação da República democrática alemã, a RDA, enquanto o Partido Comunista francês prosseguia em sua propaganda antialemã. Stalin criticou Ehrenbourg que havia escrito: “Só conheço uma espécie de alemão bom, o alemão morto”, e proferiu um discurso no qual declarava “Os Hitlers passam, o povo alemão permanece”. Moscou causava assombro em Paris e quando meu livro chegou ao escritório do secretário geral do Partido, Maurice Thorez, ele ordenou à imprensa comunista que falasse dele para que os comunistas franceses se inteirassem da reviravolta política. Dessa maneira, uma obra considerada “desviacionista” (alguns chegaram até mesmo a prever minha exclusão) tornou-se, ao contrário, um livro “engajado” e passei a ser elogiado por isso. A partir daí, colaborei durante algum tempo com a *Lettres Françaises*, a revista literária controlada pelo Partido, na época dirigida por Claude Morgan, mas alguns artigos levemente dissidentes progressivamente me afastaram dela. O interesse sociológico do livro havia também suscitado interesse fora da imprensa comunista. Enquanto meus ensaios jornalísticos não puderam ser publicados, este livro me fez existir como autor. Revelou-me a capacidade que tive de reunir e organizar inumeráveis notas para depois integrá-las numa estrutura coerente e, simultaneamente, minha aptidão para o trabalho intensivo que envolve a elaboração de um livro.

Agradeço à editora brasileira pela iniciativa de exumar este texto que contém uma mescla de qualidades e defeitos, esperando que estes últimos não ocultem totalmente o que constitui seu mérito histórico e historializador.

Edgar Morin